



COM O pescoço perfurado por um vergalhão, a menina Monique de Jesus, de 12 anos, espera, na maca, pela remoção para o Hospital Miguel Couto

Sindicato denuncia que havia médicas na emergência do Albert Schweitzer

Diretora teria dado orientação para que fosse alegada falta de profissionais

• Duas médicas estavam de plantão anteontem no Hospital Albert Schweitzer quando Neusa Ferreira morreu, segundo disse ontem ao GLOBO o presidente do Sindicato dos Médicos do Rio, Luiz Tenório. Ele disse que as médicas não foram responsáveis pela morte da paciente. O sindicalista acusou a diretora do hospital, Sônia, de, logo depois de saber que Neusa morrera, ter ordenado à anestesista Simone e à pediatra Teresa que se escondessem, porque, para justificar o ocorrido, seria muito mais conveniente afirmar que a emergência estava fechada por falta de profissionais. Tenório também responsabilizou a diretora pelo fechamento dos portões do hospital e o Governo do estado pela crise que, segundo disse, envolve o Albert Schweitzer desde 1995:

—A doutora Simone e a doutora Teresa foram trabalhar. Encontraram os portões fechados, por ordem da diretora, se identificaram e entraram. A doutora Simone ficou com os 14 internados na emergência; a doutora Teresa, com as 12 crianças na neonatologia. Por volta de 22h a doutora Simone foi chamada por uma enfermeira, dizendo que havia uma paciente em estado muito grave na porta. Ela mandou botar para dentro; mas, ao chegar lá fora, constatou que a mulher estava morta.

Segundo Tenório, Simone pro-

curou a diretora do hospital para comunicar o que ocorria:

— A doutora Sônia disse que já tinha chamado o Corpo de Bombeiros para cuidar daquela situação. A doutora Simone disse a ela que, independentemente dos bombeiros, ia atestar o óbito. E atestou, dando como causa possível intoxicação exógena. Quando a doutora Simone pediu orientação sobre o que fazer, a doutora Sônia mandou que se escondessem, dizendo: “É muito mais negócio para nós dizer que a emergência estava fechada”.

Tenório disse que a crise no Albert Schweitzer começou depois que o chefe da equipe, Carlos Correia, pediu demissão em setembro do ano passado. Desde então, disse, a equipe ficou sem chefe. Muitos médicos, afirmou o sindicalista, ante os baixos salários (cerca de R\$ 160), pediram demissão, o governo estadual negou-lhes esse direito, por terem menos de dois anos de serviço público — mas, mesmo assim, eles começaram a faltar aos plantões.

O presidente do Sindicato dos Médicos afirmou que vai procurar amanhã a família de Neusa, para colocar seu Departamento Jurídico à disposição para processar o estado civil e criminalmente pela morte da mulher. Tenório disse também que os médicos que se omitiram têm que responder a um inquérito e ser respon-

sabilizados — “O sindicato não pode compactuar com isso”, afirmou — mas o incidente não foi apenas responsabilidade dos profissionais faltosos, mas também do Governo do estado.

Os problemas não afligiram só quem recorreu ao Albert Schweitzer no fim de semana. No Hospital Rocha Faria, em Campo Grande, o número de médicos, que já é insuficiente durante a semana, deixa o atendimento ainda mais precário nos plantões de fim de semana. Dezenas de pacientes imploravam por atendimento, em vão. Não havia pediatra e pacientes internados no CTI também estavam sem médico para assisti-los. Por falta de pediatra, o agente da Sucam Júlio César Franco já havia desistido de ver medicado o filho de 4 anos, que teve uma intoxicação alimentar:

— Foi preciso repórteres chegarem para que ele fosse atendido por um clínico porque pediatra não tinha — disse Júlio.

A menina Monique de Jesus, de 12 anos, internada com um vergalhão que perfurou o pescoço e atingiu o cérebro, aguardava desde as 17h30m de anteontem uma remoção para o Hospital Miguel Couto, na Gávea, o que não tinha sido feito até às 2h30m de ontem. O chefe de equipe Luís Alberto Dias Damião se justificou dizendo que, dos 25 médicos, apenas oito estavam trabalhando:

— Estamos sem pediatra, orto-

pedista, anestesista, cirurgião e clínicos gerais. Temos apenas oito médicos para atender 600 pacientes por plantão. É uma vergonha e por isso estou entregando o cargo — afirmou Luís Alberto.

No Hospital Pedro II, em Santa Cruz, o efetivo de plantão também é reduzido. Lá, nem o elevador funciona. Está desativado há cinco anos. Por causa disso, Simone Nunes Ferreira, de 25 anos, com nove meses de gravidez, teve de se arriscar a subir sete andares de escada, onde fica a maternidade, para se consultar com um ginecologista. No Getúlio Vargas, na Penha, pacientes que dão a sorte de ser medicados foram atendidos pelos quatro médicos de plantão no chão por falta de leitos. Por falta de neurologista, 20 pacientes ficaram sem atendimento. Marcos Gonçalves, de 24 anos, que sofrera traumatismo craniano ao ser atropelado, teve morte cerebral por falta de neurocirurgião. No Hospital Geral de Bonsucesso, um aviso na porta informa que a emergência está lotada: os cinco médicos de plantão não tinham condições de atender à demanda.

O superintendente da Secretaria estadual de Saúde, Luiz Fernando Lomelino, disse que o estado abrirá inquérito administrativo para apurar por que os médicos faltaram ao plantão de domingo. Os responsáveis, disse, poderão ser exonerados. ■